

Simbologie e scritture in transito

a cura di Vanessa Castagna e Vera Horn

Dos mercados sexuais nas relações tecidas por brasileiras presas em Barcelona

Natália Corazza Padovani

(Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Abstract This article draws on data from a larger study: a multi-site ethnography of the networks established by people confined in female prisons in the cities of São Paulo and Barcelona. Focusing on ethnographic data from my fieldwork in Barcelona, I analyze the displacements created by transnational drug trade networks which involve sex work and marriage in Spain. Brazilian prisoners in Barcelona (accused of ‘crimes against public health’ – involvement in the sale and transportation of cocaine) create aid networks involving the ‘owners’ of apartment-based prostitution and trade relations with men who are also prisoners in Catalonian penitentiaries. These entanglements forged between the transnational drug trade, the sex trade, and aid networks, as seen in terms of detention and migration trajectories of the Brazilians imprisoned in Catalonia, allow us to analyze the links produced between (il)legal markets and networks that are constituted by exchanges of money, affection, sex, imprisonment, and migration.

Sumário 1 Introdução. – 2 Pelas trocas sexuais de Flor e Maria: da prisão à liberdade. – 3 Linda entre mercados dos sexos e matrimoniais. – 4 Das tramas de mercados, redes de afetos e prisões transnacionais: algumas considerações.

Keywords Female prisons. Love. Sex relationships. Migration.

1 Introdução

Os dados expostos neste artigo resultam de parte da minha pesquisa de doutorado. Tratava-se de uma etnografia que propunha analisar experiências de relações conjugais e relacionamentos amorosos através de espaços prisionais femininos da cidade de São Paulo. A partir desses contextos, contudo, a pesquisa foi inserida também no campo dos módulos femininos das penitenciárias catalãs.

Segundo o Ministério da Justiça do Brasil,¹ nas prisões paulistas (masculinas e femininas), o maior contingente de presos europeus é espanhol. Em números absolutos, as espanholas somam a quinta principal nacionalidade

1 Ver: <http://dados.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias> (2014-05-15).

de estrangeiras nas unidades prisionais femininas de São Paulo ficando atrás, somente, das bolivianas, sul-africanas, angolanas e tailandesas. Chamava atenção o grande número de espanholas que circulavam pelos corredores das penitenciárias femininas paulistas e as histórias de amor que eram narradas sobre relações estabelecidas entre brasileiras e espanholas (Padovani 2013, 344). Estes dados eram tangenciados, ainda, pelo fato de os fluxos migratórios entre Brasil e Espanha comporem uma importante seara dos estudos sobre mercados do sexo e matrimoniais em ambos os países (Piscitelli 2013, Girona 2007, Pelúcio 2011). Com o desenvolvimento da pesquisa, tornou-se imperativo problematizar o trânsito de brasileiras e espanholas a partir do mercado transnacional de drogas, levando em conta os dois sentidos dos trajetos: Espanha-Brasil/Brasil-Espanha. Parte do mapa do mercado transnacional de drogas traçou os rumos da minha pesquisa por entre prisões de São Paulo e de Barcelona.

No presente artigo considero dados da pesquisa de campo realizada com brasileiras que estiveram presas nos módulos femininos das Penitenciárias de Brians e Wad Raz em Barcelona. O objetivo deste texto é o de analisar como as trajetórias das interlocutoras desta pesquisa são atravessadas por tramas de mercados (i)legais, tais como comércio de drogas, trabalho sexual e garimpo clandestino, os quais são atravessados por relações sexuais, de afeto e de suporte material. Este enredamento será descrito a partir das histórias de mulheres brasileiras que foram detidas em Barcelona, acusadas de cometerem ‘crime contra saúde pública’, como as leis criminais catalãs nomeiam o envolvimento com o mercado, internacional ou local, de drogas.

Durante o período em que realizei esta parte do trabalho de campo,² convivi com uma intensa rede de brasileiras presas em distintos regimes. Esses são nomeados pela execução penal da Catalunha³ de *primero grado*, *segundo grado* e *tercero grado*. O primeiro e o segundo graus referem-se ao regime fechado e distinguem-se pelas condições de vida: tipos de trabalho oferecidos, pavilhão e celas. O primeiro grau é mais restrito e empreende normas de reclusão mais duras que o segundo. O terceiro

2 O campo em Barcelona foi feito entre os meses de outubro de 2011 e março de 2012. Em 2013 voltei para a Espanha para um período de quinze dias nos quais visitei brasileiras que haviam ficado presas em Barcelona e que, livres, seguiam vivendo na Catalunha, assim como espanholas que haviam ficado presas em São Paulo e que, depois de libertas, haviam retornado à Espanha. Ainda como atividades dessa etnografia multisituada (Marcus 1995), visitei e entrevistei familiares de brasileiras e espanholas em ambos os países.

3 *Reglament d'organització i funcionament dels serveis d'execució penal a Catalunya* (Regulamento de organização e funcionamento dos serviços de execução penal da Catalunha). Generalitat de Catalunya, 2006. URL http://justicia.gencat.cat/web/.content/documents/arxius/doc_65421557_1.pdf (2016-10-13). Significativo apontar que o sistema prisional catalão é fundamentado em leis e regulações específicas à Catalunha, única comunidade autônoma espanhola com leis de execução penal distintas das leis nacionais.

grau, por sua vez, é um regime que compreende regulamentos de cumprimento de pena semiabertos ou abertos. As pessoas presas em *tercero grado* podem passar o dia inteiro fora da prisão, trabalhar e estudar fora das dependências dos edifícios penitenciários e, ainda, ficar um período de dez dias corridos predeterminados, *dias de permiso*, em suas casas, ou em casas de amigos/parentes. O terceiro grau da pena representa a progressão do segundo grau e é um estágio anterior à assinatura da liberdade condicional.

Todas as pessoas que entram em Brians para cumprir uma sentença são, a princípio, direcionadas aos pavilhões de primeiro grau. A avaliação feita, periodicamente, por uma 'junta de tratamento' – composta por assistentes sociais, psicólogos e funcionários da penitenciária – define a progressão ou não para os pavilhões de segundo grau nos quais são mais numerosas e melhores as atividades de trabalho, escolares e de lazer. A prisão em segundo grau oferece mais trânsito pelas dependências do edifício penitenciário, e, por isso mesmo, mais acesso às informações que possam ser agenciadas na vida cotidiana dentro da prisão.

As penitenciárias catalãs em que realizei trabalho de campo são mistas. Nela estão presos homens e mulheres que, apenas se cumprindo pena em *segundo grado*, podem se encontrar em um grande pátio central. Poder fazer aulas de dança ao lado das atividades de ginástica oferecidas aos homens é, nesse contexto, poder manter, mais facilmente, relações de trocas que intersectam sexo, afeto, dinheiro, prisão e liberdade, como ilustram as histórias que trarei neste artigo.

Antes de prosseguir cabe, ainda, a exposição de outros dados sobre estrangeiros presos no sistema penitenciário catalão. No relatório produzido pelo Departamento de Justiça Catalão⁴ sobre o 'perfil de estrangeiros presos na Catalunha', são estes classificados segundo perfis que vão do bom ao mau prognóstico, sendo o 'bom' relacionado às boas possibilidades de retorno ao país de origem e o 'mau' à fraqueza dos vínculos com o mesmo. O documento, que analisa separadamente perfis de homens, mulheres e jovens estrangeiros em 'situação de cárcere na Catalunha', aponta para o fato de setenta e dois por cento das mulheres serem das Américas Central e do Sul (não há separação entre as duas regiões do continente americano ou especificação dos países), sendo que, dessas, mais de oitenta por cento estavam, no momento daquela pesquisa, presas por crimes 'contra a saúde pública'.

Os dados publicados neste relatório coadunam com análises de pesquisas feitas em criminologia e ciências sociais (Aas, Bosworth 2013; Wacquant 2001). Estas chamam atenção para o fato de as instituições peni-

4 «Generalitat de Catalunya, Centre d'Estudis Jurídics i Formació Especialitzada» (2012). *Estrangers a les presons catalanes*. Barcelona, Biblioteca de Catalunya.

tenciárias dos países europeus, mas também dos Estados Unidos e, mais recentemente, do Brasil,⁵ atenderem às políticas de controle das fronteiras nacionais. Hasselberg (2012), por exemplo, analisa os fundamentos e as implicações do sistema de aprisionamento de estrangeiros no Reino Unido o qual, segundo a autora, produz intensa interdependência entre os agentes responsáveis pelo controle das fronteiras e as equipes de gestão dos aparelhos punitivos.

Os prognósticos apontados pelo Departamento de Justiça Catalão sobre o «perfil de estrangeiros presos na Catalunha» apontam, justamente, para a crescente interdependência entre instituições penitenciárias e demandas por políticas antimigratórias. O relatório assinala, ainda, para o significativo número de mulheres 'latinas' – tal como são identificadas naquele documento – presas nos módulos femininos das penitenciárias catalãs. Tal dado remete às análises de Díaz-Cotto (2005) sobre o impacto das políticas de 'guerra às drogas' em populações específicas. A autora analisa o aumento de 'latinas' – mulheres oriundas de países como Bolívia, Colômbia e México – nas prisões norte-americanas e europeias. Ela argumenta que se as políticas de criminalização dos governos das Américas do Sul e Central recaem sobre as populações pobres e racializadas dentro dos próprios países,⁶ o incremento das políticas de combate ao mercado de drogas acaba por criminalizar toda a América Latina.

Este processo, segundo Díaz-Cotto, leva ao encarceramento em massa de mulheres oriundas dessas regiões, assim como do continente africano (Sudbury 2005). Para a autora, estas mulheres não necessariamente integram a rede de produção e/ou gerência do comércio de drogas, mas antes, aceitam participar da distribuição transnacional da mercadoria ilegal como estratégia econômica que viabiliza subsídios a elas e a suas famílias. Nesse sentido, as 'latinas' são presas pelo fato de ocuparem postos de grande exposição na rede de distribuição de drogas e por serem identificadas pelos agentes de controle das fronteiras como sujeitos privilegiados de suspeição e revista. Do mesmo modo, Dolores Juliano (2012) argumenta que o crescente número de 'latinas' presas na Espanha resulta de incisivos processos de criminalização das ações e das redes de ajuda, como são os mercados sexuais e de drogas, acionados pelas mulheres imigrantes. A esses processos, Juliano relaciona práticas de encarceramento nacionais e catalãs que afetam estrangeiras/os, mas também, ciganas/os: população

5 O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de países com maior população carcerária ficando atrás, somente, dos Estados Unidos e da China. Ao todo, o país mantém 715.655 pessoas em cumprimento de pena. Destas, estão em prisões do estado de São Paulo 204.946 pessoas sendo que destas, até 2012, 3.700 eram estrangeiras. Os dados são do Conselho Nacional de Justiça e podem ser consultados no site <http://www.cnj.jus.br/> (2016-10-13).

6 Sobre processos de criminalização de populações pobres e racializadas no Brasil ver: Telles 2011, Feltran 2011, Misse 2010.

sobre a qual recaem altos índices de aprisionamento na Espanha (Imaz, Martín-Palomo 2007).

Sobre as mesmas práticas de criminalização dos 'estrangeiros' de que falam Dolores Juliano, Díaz-Cotto e Ines Hasselberg, Emma Kauffman (2014) agrega análises acerca das interseções entre gênero e sexualidade na produção de 'identidades nacionais' em prisões masculinas do Reino Unido. A partir da exposição de narrativas de homens presos na Grã Bretanha, Kauffman ilustra que gênero, sexualidade e raça são acionados nas disputas e negociações para definir, afinal, quem é britânico e quem é estrangeiro naquele contexto. A autora demonstra que nacionalidade não é um dado a priori, mas é antes definida pelas relações e possibilidades que se abrem (ou não) ao longo e por meio do cumprimento das sentenças.

Seguindo o argumento de Kauffman, as histórias descritas no presente artigo falam das negociações que mulheres brasileiras presas na Catalunha fazem a partir dos atributos de gênero e de sexualidade vinculados às suas nacionalidades a partir da experiência prisional. Negociações que lhes possibilitam melhores condições de vida dentro da prisão ou, ainda, a transmutação do encarceramento para a migração e a permanência na Espanha. Como chamam atenção Díaz-Cotto e Dolores Juliano, as personagens trazidas neste texto acionaram o mercado transnacional de drogas como um meio possível de subsidiar suas vidas (Butler 2009), de suas famílias e, também, seus planos. Não integravam redes de comércio de drogas, antes integravam as marcações que as posicionavam como privilegiadamente sujeitas às políticas de encarceramento transnacionais: mulheres 'latinas', oriundas das classes mais pobres e racializadas em seu país, Brasil.

As trajetórias das mulheres sobre as quais este artigo se debruça falam dos processos de criminalização transnacionais que afetam sujeitos marcados por raça, classe, gênero, sexualidade e nacionalidade. Mas falam, também, de como estas pessoas agenciam os mesmos atributos que as criminalizam de acordo com as suas possibilidades de ação (Constable 1999). Agenciamentos não mapeados pelos esquadrinhamentos de prognósticos publicados no relatório produzido pela justiça catalã.

A importância de realizar pesquisa com estrangeiros presos em diversos contextos prisionais está em apreender como políticas globais de criminalização são variavelmente agenciadas nas relações e trocas cotidianas estabelecidas dentro/fora das prisões (Kruttschnitt, Kennedy 2013; Kruttschnitt, Hussemann, 2008). Manejos que, no que tange aos dados desta pesquisa, articulam mercados (i)legais atravessados pela constituição de redes vinculadas por trocas sexuais, dinheiro, afetos, prisão e migrações.

2 Pelas trocas sexuais de Flor e Maria: da prisão à liberdade

Presa aos quarenta e cinco anos durante uma viagem que fazia com seu filho mais novo, na época com sete anos, Flor deixou outros quatro filhos no Brasil. Ela viajou para Barcelona levando cocaína amarrada no corpo. Sua intenção era a de entregar a droga e passar uma semana na Espanha, mas ainda no aeroporto, Flor foi presa. Condenada a cumprir seis anos de prisão pelas leis criminais da Catalunha, o modo como ela narrava seu percurso na instituição prisional de Barcelona era emblemático.

A entrada na prisão e a conseqüente separação de seu filho eram os mais importantes momentos do aprisionamento. Flor não sabia o que aconteceria com ele ou com ela, não entendia a língua e as leis que determinariam seus *destinos*.⁷ A partir da intervenção do Consulado Geral do Brasil na Catalunha e da decorrente permissão de retorno de seu filho ao Brasil e à sua família, a fala de Flor mudava de foco. Com as resoluções tomadas pela justiça catalã, era ela quem assumia postos de trabalho, celas e aprendia a trabalhar com aquilo que lhe havia sido determinado. «Depois da desgraça vem o prazer», dizia Flor que passava a contar sobre seus namoros dentro da prisão e sobre como, por meio deles, «melhorou sua vida» (Togni 2014) nos corredores do Módulo II, segundo grau, da Penitenciária Feminina de Brians. Lá, por intermédio de sua companheira de cela, conheceu um espanhol que também cumpria pena e que estava empregado em uma das oficinas de trabalho que funcionavam na prisão. Flor começou a se relacionar com ele, que passou a ‘ajudá-la’ (Piscitelli 2011) financeiramente. A relação passou a representar um importante incremento em seus ganhos financeiros.

As oficinas de trabalho dentro das penitenciárias catalãs eram descritas como fartas e muito representativas para a manutenção da vida cotidiana. Nos módulos masculinos, os salários podiam, ao menos até o início de 2012, ultrapassar mil euros, pagamento inalcançável nas oficinas de trabalho dos módulos femininos. Segundo as entrevistadas, a diferença entre os pagamentos pelos trabalhos dos módulos masculinos e femininos era bastante significativa. Elas declaravam receber, no momento da pesquisa, entre setenta e quatrocentos euros. Os salários pagos pelo trabalho exercido dentro de Brians, principalmente dentro dos módulos masculinos daquela prisão, era um dos fatores representativos do porquê de relacionamentos heterossexuais serem vinculados às estratégias de manutenção da vida por parte das mulheres em cumprimento de pena.

7 Destino é a palavra utilizada nos prontuários assinados pela junta de tratamento do sistema penitenciário catalão, para identificar os resultados das avaliações criminológicas e comportamentais das presas (e presos). Destino é, portanto, a definição do lugar que cada pessoa presa ocupa na penitenciária: seu pavilhão, sua cela, seu trabalho, suas funções e horários cotidianos, os cursos que pode ou não fazer.

Por meio da ajuda oferecida por seu namorado espanhol, Flor, por exemplo, podia adquirir alimentos, roupas, cosméticos e cartões telefônicos no comércio interno da penitenciária, produtos e serviços que a integravam nas redes de relações da prisão. Sem gastos com aluguel e contas mensais, ela alcançou uma condição de vida confortável, condição que, segundo ela, nunca havia experimentado fora da prisão, no Brasil, em um bairro de periferia da cidade de São Paulo. Todo o dinheiro que recebia, fosse através de seu namorado ou com seu pagamento de duzentos e quarenta euros pelo trabalho de lixeira do módulo, era para seu próprio uso. Ela não enviava dinheiro para sua família no Brasil como faziam tantas outras presas, dentre elas, Maria.

Para Maria, a experiência prisional significou um meio de ascendência econômica e social. Segundo ela, antes de ser presa no aeroporto de Barcelona acusada de cometer 'crime contra saúde pública', ela e seu filho mais velho estavam desempregados, ganhando cerca de seiscentos reais⁸ ao mês com trabalhos temporários para sustentar sua família composta por Maria, sua mãe já aposentada e seus três filhos. Durante o cumprimento da pena na prisão catalã, Maria passou a trabalhar como encarregada de limpeza e serviços gerais chegando a receber até quatrocentos euros. Destes, guardava cento e cinquenta para os seus gastos pessoais e enviava todo o restante ao seu filho que, com este dinheiro, tirou carta de motorista de caminhão e passou a receber entre mil e quinhentos a dois mil reais por mês. Além disso, ao ser presa, Maria, que era analfabeta, aprendeu a ler e escrever português e castelhano. A prisão possibilitou que ela e seu filho se qualificassem como mão de obra.

A condição de bem-estar econômico de que falavam Maria e Flor, entretanto, estava associada à vida na prisão em *segundo grado*, regime que entrelaçava aprisionamento a certa seguridade. A progressão da pena para o *tercero grado* teve distintas significações para cada uma delas.

Maria aceitou a proposta, feita pelo governo catalão a todas as pessoas estrangeiras presas, e trocou a liberdade condicional pela expulsão. Sua decisão resultou na transferência à penitenciária de Wad Raz, localizada próximo do centro da cidade de Barcelona. Transferência que permitiu à Maria passar todos os dias em liberdade e retornar à prisão somente para almoçar e dormir, mas que a afastou de seu posto de trabalho na penitenciária de Brians. Maria passou a aguardar a data de sua expulsão sem trabalhar recebendo, somente, um pagamento de setenta euros mensais pelo serviço de retirada dos lixos dos pavilhões. Nesse registro, com a progressão da pena, Maria, que não manifestou ao governo catalão nenhum tipo de projeto migratório, perdeu a seguridade que a

8 Real é o nome da moeda brasileira que, em relação ao Euro, tem cotação média de 2,7 até 3,5 reais por 1 euro.

prisão fechada lhe oferecia. Em sua narrativa, os dias em que ela podia passar, integralmente, na rua: *dias de permiso*, eram passados sem ter onde comer e, principalmente, sem ter como ir ao banheiro: «às vezes compro um café em algum lugar só para fazer xixi». Ficar sem banheiro, na fala de Maria, era muito pior que ficar sem comer. Desse modo, Maria, que passava seus dias livres sentada nos bancos da Plaza Catalunya, conheceu o garçom de um restaurante indiano da região e começou a se relacionar com ele:

Nos dias de *permiso* eu me arrumo toda e vou até o restaurante fingindo que sou cliente, ele já sabe que não tenho dinheiro, então coloca dinheiro em cima da mesa, eu pego e peço alguma coisa para comer. Ele sabe que estou presa, mas eu não contei para ele que vou embora para o Brasil, ele pensa que vou casar com ele. Eu finjo que não entendo muito as coisas que ele fala e vou ficando com ele. É bom ter um lugar para ir nos dias do *permiso*. Isso não é errado, é?

Enquanto me contava de seu namorado indiano, Maria empreendia esforço em se justificar. Tentava diferenciar o 'interesse' da 'necessidade' com a qual procurou pontuar seu relacionamento com o garçom indiano.

Flor, por sua vez, não aceitou tão rapidamente trocar a liberdade condicional pela deportação. Deixou essa decisão em suspensão esperando tomá-la no último momento possível, poucos dias antes de assinar sua liberdade condicional. Assim como Maria, Flor foi transferida para a penitenciária de Wad Raz de onde saía todas as manhãs e retornava somente para almoçar e dormir. Lá, conheceu outro preso, um catalão. Passou a relacionar-se com ele que, por sua vez, empregou-a como 'cuidadora' de sua mãe, uma mulher idosa moradora do mesmo bairro em que se situa a penitenciária de Wad Raz. Com esse trabalho, Flor recebia cinquenta euros ao mês. Para ela, entretanto, o mais importante não era o pagamento, mas o fato de esta atividade lhe oferecer um lugar onde dormir, comer e passar os dias de *permiso*, Natal e Ano Novo. Enquanto falava, mostrava fotos e presentes da família catalã que a havia 'amparado'.

Em relação ao dinheiro, Flor dizia não passar necessidades. O fato de manter relações sexuais com o catalão de Wad Raz não impediu que sua relação com o espanhol, que conheceu em Brians e que seguia preso e trabalhando, persistisse. Todos os sábados, Flor acordava pela manhã e seguia até a estação de Sants⁹ para pegar o ônibus que leva familiares

9 Estação de Sants é a principal estação ferroviária e rodoviária de Barcelona. A penitenciária de Brians fica a trinta e sete quilômetros da estação. Há uma linha de ônibus que sai desde a estação de Sants em horários determinados e para, apenas, nas entradas das penitenciárias Brians 1 e 2. O custo da viagem, durante o período do campo, era de sete euros cada trecho.

da cidade de Barcelona à distante penitenciária de Brians. Chegando a Brians, Flor seguia ao guichê do pecúlio e sacava da conta de seu namorado espanhol alguma quantia em dinheiro, entre vinte a duzentos euros. Às vezes Flor não pegava o ônibus, pois seu namorado catalão, que também cumpria pena em *tercero grado* e, portanto, tinha dias de *permiso*, a levava de carro até a porta da penitenciária de Brians pensando que ela visitaria alguma amiga.

Flor conseguia manter alguma seguridade econômica por meio dos relacionamentos sexuais e afetivos iniciados nas prisões e mantidos fora dela. A segurança econômica que Flor dizia experimentar era vinculada em sua narrativa, ainda, à liberdade. Flor sentia-se livre estando presa: «No Brasil, sempre vivi para meu marido, meus filhos, minhas irmãs. Nunca vivi para mim. Aqui eu vivo só para mim». Pelas possibilidades que a prisão catalã ofereceu a ela, Flor não pretendia retornar ao Brasil. Enquanto cumpria sua pena em *tercero grado*, fazia planos de liberdade na Espanha, planos migratórios.

Os planos migratórios de Flor, contudo, podiam ser frustrados com a proximidade do dia em que ela assinaria sua liberdade condicional. Quanto mais próximo estava desse dia, mais ela se dizia angustiada. Em uma de nossas conversas, confessou: «não vou conseguir viver aqui com o que meus namorados me dão. Depois que cumprir a *condena*,¹⁰ onde vou dormir todos os dias?». Flor sabia que não poderia morar com a família catalã que, enfim, não a acolhera por completo. Sabia que não teria possibilidades de alugar um lugar para morar e arcar com suas despesas. Sabia que a Espanha estava em crise e que ela, egressa do sistema prisional, na condição de imigrante ilegal, não conseguiria emprego.

A política prisional catalã permite que estrangeiros presos recusem a expulsão, mas ao fazê-lo, estes avalizam que estarão ilegais em território espanhol e que se pegos pela polícia em situação irregular poderão ser levados a um Centro de Internamento de Estrangeiros (CIEs), instituições onde ficam detidos estrangeiros sem papéis à espera de serem expulsos do país. O internamento pode chegar a sessenta dias e nem sempre as pessoas presas ali são, de fato, expulsas.¹¹

10 *Condena* refere-se ao tempo da pena, da condenação.

11 O processo de extradição para o país de nacionalidade, no caso, para o Brasil, está sujeito às leis espanholas e, também, brasileiras. A entrada no Brasil depende do porte de algum tipo de documento, passaporte ou autorização de retorno emitido pelo consulado. Em situações nas quais o passaporte do brasileiro irregular na Espanha foi extraviado ou perdido, a deportação depende de que este brasileiro declare que deseja retornar ao Brasil, já que o Consulado do Brasil só emite a autorização de retorno com o consentimento da pessoa que irá retornar ao país. Caso o brasileiro não faça essa declaração, o Consulado não emite a autorização de retorno e o Estado espanhol não pode deportá-lo. Após os sessenta dias de internamento nos Centros de Internamento para Estrangeiros, esta pessoa retorna para as ruas da Espanha com um atestado de deportação emitido pela Espanha.

Sempre presentes nas falas das interlocutoras desta pesquisa, os CIEs representavam o antagonismo da opção em permanecer na Espanha após o ganho da liberdade. O fim do cumprimento da pena, nesse registro, relacionava-se, diretamente, com o fim de um estado de seguridade mantido pela instituição prisional. Sair da prisão em liberdade sem ir, imediatamente, ao aeroporto, tinha de ser ponderada frente à perda material dos documentos de identificação que permitiam a livre circulação pelas ruas de Barcelona. A liberdade sem deportação, nesse registro, é uma liberdade sem garantias de direitos que, por outro lado, eram assegurados pelo aprisionamento.¹² Uma contradição produzida pelos próprios aparelhos de estado catalães.

Ainda assim, não eram os CIEs que mais faziam Flor ponderar sobre seu retorno ao Brasil. Sua filha mais velha estava grávida e insistia para que a mãe retornasse para *casa*, em São Paulo, antes do nascimento do bebê. Flor não tinha mais argumentos contundentes que fizessem com que sua família compreendesse sua permanência na Espanha, a liberdade estava próxima e, com ela, os últimos dias que Flor tinha para assinar o aceite de extradição. Flor pensava que teria de voltar para sua vida de antes da prisão, para a vida em que vivia, não para ela, mas para seus filhos, e, agora, netos.

Estes relatos ilustram uma perda de seguridade decorrente da libertação do sistema penitenciário catalão. Por outro lado, elucida como Flor e Maria, habitando lugares de interstícios entre legalidade/regularidade e ilegalidade/irregularidade, continuaram agenciando planos de liberdade, prisão e ‘volta para casa’. Foi o que fez, também, Linda que, em liberdade, experimentou seguridade econômica e condições de legalidade documental.

3 Linda entre mercados dos sexos e matrimoniais

Em 2005, Linda chegou ao aeroporto de Llobregat e desde lá seguiu para a prisão de Wad Raz acusada por tráfico internacional de drogas. Entrevistei-a em sua casa, no distrito de Santa Coloma,¹³ em Barcelona. Um

Esses dados foram retirados de entrevista realizada com funcionários do Consulado Geral do Brasil na Catalunha.

12 Para ponderações acerca das tensões entre liberdade, prisão e seguridade sugiro: Sudbury 2005.

13 Santa Coloma é um distrito da região metropolitana de Barcelona que foi ocupado durante a ditadura franquista, majoritariamente, por migrantes espanhóis vindos de Andalucia e Múrcia. Atualmente, Santa Coloma abriga comunidades de imigrantes oriundos de países da América Latina, como Brasil e Colômbia. Ver: *Análisis urbanístico de Barrios Vulnerables en España 08245 - Santa Coloma de Gramenet*. Disponível em: <http://habitat.aq.upm.es/bbv/municipios/08245.pdf> (2016-10-13).

apartamento de três dormitórios onde Linda vivia com sua filha e seu esposo; um senhor catalão de pouco mais de setenta anos, que registrou em seu nome a filha de Linda com um espanhol também preso em Wad Raz.

Linda conheceu seu marido em uma das saídas temporárias que teve durante o cumprimento de sua pena em *tercero grado*. Ele trabalhava como garçom em uma cafeteria próxima à penitenciária; ela estava grávida, presa, sem trabalho ou dinheiro. Linda aceitou a proposta do senhor catalão de se casar com ela que, assim, conseguiria permanecer na Espanha para dar a luz à sua filha com tranquilidade.¹⁴

Durante as cinco horas que passei entrevistando-a em seu apartamento, ela pouco falou de sua vida na prisão espanhola, mas procurou costurar em uma narrativa coerente sua vida no Brasil com a prisão na Catalunha e o casamento com o velho garçom catalão.

Linda foi deixada com seus tios aos treze anos de idade. Sua mãe trabalhava no garimpo amazônico entre as fronteiras do Brasil e da Venezuela e não podia levá-la com ela. Seus tios, entretanto, a violentavam e Linda decidiu fugir. Passou a trabalhar como prostituta no interior do estado de Roraima¹⁵ onde conheceu seu primeiro marido com quem se casou aos catorze anos de idade, e de quem só se separou depois que sua mãe a encontrou, quando ela tinha dezenove anos. Depois de encontrar sua mãe, Linda mudou-se com ela para o garimpo e, lá, passou a trabalhar como cozinheira e prostituta. Um de seus clientes, contudo, era marido de sua mãe que, ao saber disso, expulsou Linda de sua casa e da vila dos garimpeiros.

A partir dessa narrativa, Linda enredava sua prisão na Catalunha. Após ser expulsa do garimpo por sua mãe, ela decidiu que teria de juntar dinheiro para voltar com 'poder de ser dona de balsa',¹⁶ ocupando, assim, uma posição de mais prestígio que a de sua mãe na zona de mineração. Linda procurou um traficante venezuelano e se ofereceu para viajar à Espanha carregando cocaína no estômago. Ao chegar a Barcelona, contudo, Linda foi presa e passou três anos cumprindo pena em regime fechado no sistema penitenciário.

14 Segundo as leis espanholas, um estrangeiro casado com um espanhol tem direito de residência no país. Ver: <http://brasileirosnaespanha.blogspot.com.br/2012/02/matrimonio-entre-un-espanol-y-un.html> (2016-10-13).

15 Roraima é um estado da região norte do Brasil. Faz divisa com os países da Venezuela e da Guiana.

16 A balsa de garimpo de rio é uma estrutura de madeira motorizada com capacidade para sugar de vinte a sessenta gramas de ouro por dia. Uma balsa custa cerca de vinte e cinco mil reais, incluindo uma *voadeira* (barco pequeno com motor), equipamento de mergulho e um motor acoplado a um tubo de ar de duzentos milímetros, que puxa o cascalho e a areia do fundo do rio. Ser dono ou dona de balsa, nesse registro, significa ser o detentor da tecnologia necessária para a captação do minério, significa, também, ser o responsável pelo pagamento dos trabalhadores e pela manutenção dos equipamentos.

Durante a entrevista, ela ainda cumpria a pena em *tercero grado*, mas havia conquistado o direito de permanecer em sua casa por ser casada com o 'senhor catalão', por ter uma filha com menos de dois anos e por ter residência fixa. Em oposição à sua trajetória entre Brasil/Venezuela, Linda saiu da prisão com lastros documentais e de vínculos que lhe asseguravam todos os direitos de imigrante legal. A filha de Linda recebia um auxílio financeiro governamental e ambas passavam o dia em uma instituição onde, enquanto ela aprendia o ofício de cuidadora, sua filha era tutelada. A despeito de toda seguridade experimentada, Linda planejava voltar ao Brasil, ao garimpo. Sobre isso, ao ser questionada pelas amigas que conhecera dentro da prisão catalã, ela sempre respondia:

Ah, cansei de casar pra ter onde morar, de casar pra ter alguma coisa em troca. Com esse velho então, não dá nem pra *trepar*! Não vejo a hora desse velho morrer! Cansei. Eu só quero casar por amor! (trecho retirado da entrevista feita com Linda em janeiro de 2012)

As histórias e narrativas de Linda possibilitam desestabilizar noções pressupostas acerca de prisão, liberdade, vulnerabilidade e seguridade. Permitem, ainda, desestabilizar os prognósticos publicados no relatório sobre estrangeiros presos na Catalunha pelo departamento de justiça. Afinal, Linda era o estereótipo do mau prognóstico, não mantinha vínculos familiares com o Brasil, seu 'país de origem', e havia produzido toda uma rede familiar documentada, legal, que a fazia permanecer na Catalunha. Linda era a egressa do sistema prisional que havia se tornado a migrante indesejada que as políticas do estado catalão eram obrigadas a reconhecer, documentar e subsidiar. Ainda assim, ela dizia querer voltar ao Brasil, reencontrar sua filha mais velha e voltar ao garimpo de sua mãe. Ela não parecia se importar em permanecer em situações de tênue seguridade documental e financeira, não pensava em atrelar seu *destino* ao enquadramento de uma total 'legibilidade' (Das, Poole 2008, 25) e regularidade estatal. Nas falas de Linda, liberdade relacionava-se a um 'amor', à imagem de uma relação conjugal liberta de trocas e 'interesses'.

Depois que voltei de Barcelona, segui minhas conversas com Linda através do Facebook. Por meio desta rede social, ela me contou que havia saído da casa do 'velho catalão' e deixado sua filha na casa de uma amiga para, assim, poder trabalhar no *piso* de prostituição da brasileira Ana, que havia conhecido dentro dos pavilhões de Brians. O apartamento de Ana servia de porto seguro para brasileiras que, como Maria, não tinham onde ficar nos dias de *permiso*. Elas não eram obrigadas a trabalhar com mercado sexual caso precisassem se hospedar naquele piso: «elas fazem o que quiserem, não precisa ser puta. Se precisar de um teto, só peço que cozinhem, limpem a casa, é uma troca».

No momento da pesquisa, Ana respondia pena por ser proprietária de um apartamento de prostituição que seguia em funcionamento sob a gerência de uma amiga, também brasileira. Por meio das redes de comércio de drogas que articulavam Brasil e Espanha em um fluxo de mercado transnacional, Ana inseriu-se às redes de ajuda conhecidas na prisão catalã. Redes de ajuda e mercados (i)legais constituídos por presas e egressas brasileiras do sistema prisional. Foi a esta rede que Linda recorreu para poder sair da casa do ‘velho’, voltar a trabalhar e, assim, juntar dinheiro para retornar ao Brasil, ao garimpo de sua mãe. Para poder, quem sabe, ‘casar por amor’.

4 Das tramas de mercados, redes de afetos e prisões transnacionais: algumas considerações

Sanja Milivojevic (2015) atenta para o fato de a mobilidade das mercadorias estarem justapostas à mobilidade das pessoas. A criminalização de mercados específicos – como os de drogas e sexuais – sobrepõem-se à criminalização das mobilidades das pessoas que possibilitam os fluxos dessas mercadorias e serviços. Bosworth e Aas (2013) argumentam, nesse sentido, que a compreensão da justiça criminal contemporânea é absolutamente correlata à produção de análises acerca das mobilidades e das políticas de controle das fronteiras. Apreciações que vinculam crime aos fluxos das pessoas que, como Flor, Maria e Linda, saem do Sul Global em direção aos países europeus. Estas Autoras elucidam que a ‘criminologia da mobilidade’ introduz novos tópicos ao campo dos estudos das políticas punitivas. Dentre eles a possibilidade de demonstrar que a abertura das fronteiras, para a intensificação da circulação de mercadorias pelo globo, implica o recrudescimento das práticas de estado voltadas para o controle dos fluxos que as atravessam.

Em outro momento, Pickering, Bosworth e Aas (2015) se voltam a Georg Simmel. Segundo elas, a figura do estrangeiro por ele tecida elabora as noções a serem desenvolvidas pela criminologia da mobilidade. Em Simmel, as tensões entre assimilação e rejeição, pertencimento e exclusão são centrais para o entendimento das experiências de circulação pelas fronteiras. Por meio do acionamento do ensaio de Georg Simmel, Pickering, Bosworth e Aas atentam para os múltiplos eixos dessas tensões argumentando que sujeitos podem produzir subjetividades de assimilação ou pertencimento mesmo em contextos de exclusão.

As histórias de Flor, Maria e Linda falam sobre a multiplicidade desses eixos. Personagens que, literalmente, carregam em seus corpos a justaposição entre criminalização da circulação de mercadorias e de suas mobilidades, Flor, Maria e Linda agenciam relações vivenciadas no contexto

prisional transnacional para produzirem experiências de pertencimento. Experiências que são, para as três, relacionadas à segurança financeira e/ou documental.

Assim como faz Juliano (2012) e Díaz-Cotto (2005), Julia Sudburry (2005), ao tratar do aprisionamento de mulheres oriundas da América Central e de países da África no Reino Unido, aponta para o fato de a prisão poder significar, para algumas pessoas, a abertura de mais possibilidades de manutenção da vida do que aquelas acessadas fora das penitenciárias europeias e do mercado transnacional de drogas. No que concerne às histórias trazidas neste artigo, tais possibilidades são atravessadas, ainda, por trocas sexuais não necessariamente identificadas com o mercado do sexo, mas antes com a noção de 'ajuda'.

Como analisa Adriana Piscitelli (2011), «ajuda é uma noção amplamente difundida no Brasil e também entre migrantes brasileiras/os no exterior» (2011, 550). Vinculada ao cuidado e ao afeto, 'ajuda' relaciona-se às práticas de trocas sexuais atravessadas pelo dinheiro que pode tomar a forma de favores, jantares, roupas, celulares e artigos essenciais para subsistência. Estes intercâmbios sexuais, mesmo mercantilizados, não são identificados com o trabalho sexual. Nas relações de ajuda as partes não são cliente e trabalhadora,¹⁷ são namorados, amantes. Partes de relacionamentos em que as trocas mercantis não são diretas, mas antes entrecortadas por narrativas que acionam e negociam afetos e cuidados.

O dinheiro colocado, discreta e cuidadosamente, sobre a mesa onde Maria se senta justapõe à mercantilização de sua relação com o garçom indiano outras camadas de vínculos relacionadas à necessidade e ao decorrente amparo mantido entre duas personagens bastante representativas: uma brasileira presa por envolvimento com comércio transnacional de drogas e um 'garçom indiano', tal como Maria o descreve.

Às relações de Flor, por sua vez, eram atreladas, além da 'necessidade', prazeres somente acessados a partir da experiência prisional, enredados ao sexo, mas também ao dinheiro sacado do pecúlio do namorado espanhol e à carona dada pelo namorado catalão até Brians. Referente ao namorado catalão de Flor, presentes e o oferecimento de uma casa durante os dias fora da prisão estavam postos no intercâmbio de outra camada a ser levada em conta: a do 'trabalho de cuidadora da mãe'. Esta atividade, produzida pela articulação entre 'necessidade' e 'cuidado', ilustra quais diferenciações estavam sendo acionadas para a definição dos limites da relação que era estabelecida entre a 'família catalã' e a 'presa brasileira'.

Balizada por marcadores sociais, como classe e nacionalidade, o vínculo de Flor com a família de seu 'namorado catalão' era firmada em sua

17 Por mais que esta relação possa, também, ser problematizada. Ver: Kempadoo 1999, McClintock 1993.

condição de presa, já que ela não seria acolhida por eles depois do fim de sua pena, quando Flor estaria ilegal em território espanhol. O catalão não propôs se casar com Flor para que, assim, ela pudesse permanecer legalmente em Barcelona, mas a amparava no decorrer de sua sentença em troca de ‘favores’ sexuais e de cuidados mercantilizados.

Por meio da dupla via da ajuda – a família ajudava Flor que ajudava a família – eram estabelecidos múltiplos vínculos sexuais, de cuidado e interesse atravessados pelo dinheiro. Vínculos por meio dos quais Flor dizia sentir-se ‘livre’ estando ‘presa’. Era, afinal, através deles que ela produzia os meios necessários para poder caminhar nas ruas de Barcelona amparada pelo dinheiro dado a ela por seu namorado espanhol, pela casa da família de seu namorado catalão e, também, pelo marco de inteligibilidade (Butler 2009) jurídica provido pelos documentos que lhe permitiam estar na cidade catalã sem os riscos de internamento nos CIEs ou de expulsão. Nas palavras de Flor, seus namorados e a prisão a fizeram ‘ganhar o mundo’. Mundo inacessível desde sua experiência conjugal com o marido brasileiro, pai de seus cinco filhos, avô de seus netos. Família que esperava a ‘volta para casa’ que Flor insistia em adiar.

A angústia que Flor dizia sentir quando pensava em ‘voltar para casa’ ilustra que fluxos migratórios não são impulsionados unicamente por questões práticas, tais como trabalho, ganhos financeiros, ou, no contexto desta pesquisa, pelo impedimento em sair do país em decorrência de um processo criminal, mas sim, por uma trama de sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências de mobilidade (Constable 1999, Togni 2014). Nas narrativas de Flor, mobilidade e prisão são postas em relação. A partir de suas falas é possível apreender polissemias que carregam as expressões ‘estar presa’ e ‘voltar para casa’.

É dessas polissemias que falam as histórias de Flor e Linda. Essas ilustram que ‘bons e maus prognósticos’, indicados para avaliação dos estrangeiros presos no relatório produzido pelo departamento de justiça catalão (do qual falei no início deste artigo), podem ser desmistificados. Enquanto à Flor eram atrelados registros de casamento e de maternidade – papéis que produziam os vínculos ‘familiares’ e ‘com o país de origem’ necessários à sua qualificação no ‘bom prognóstico’ –, à Linda nada era atrelado. Ela não recebia cartas e não telefonava à sua família. Linda não apresentava nenhum registro que comprovasse seus vínculos familiares com o Brasil. Ao contrário, Linda casou-se com um catalão que, segundo a certidão de nascimento, era pai de sua filha. Linda era a personificação da estrangeira presa com pouco ou nenhum vínculo com seu país de origem, capaz, portanto, de estabelecer vínculos na Catalunha. Ela era o ‘mau prognóstico’ e, ainda assim, diversamente de Flor, ‘voltar para casa’ era o que ela mais queria. Voltar para uma casa inacessível aos aparelhos de estado catalães. Uma casa na fronteira construída pelos vínculos estabelecidos nas redes de afeto dos mercados ilegais. Linda queria tanto ‘voltar para casa’ para ‘o

garimpo de sua mãe’, que deixou a casa do ‘velho catalão’ para trabalhar no mercado do sexo em Barcelona. Mercado que havia conhecido por meio das redes de informação que corriam pelos corredores de Brians e Wad Raz.

Nas bibliografias brasileiras sobre ajuda, fala-se de diversas formas possíveis dessas relações, dentre elas está a do ‘velho que ajuda’ (Fonseca 1996). Nesta, o ‘velho’ representa um meio de mobilidade social para ‘garotas de camadas populares’ que podem ou não trabalhar no mercado sexual. A imagem do ‘velho que ajuda’ coaduna com a relação que Linda mantinha com seu esposo, o ‘velho catalão’. Por meio de seu casamento com o ‘velho catalão’, Linda obteve documentos necessários para sua permanência legal na Espanha, uma casa onde criar sua filha e, ainda, o direito de terminar de cumprir sua pena em regime domiciliar. A trajetória da relação estabelecida por Linda com o ‘velho catalão’ foi a de uma união matrimonial fundamentada em um acordo de ajuda. A relação transitada para o registro do matrimônio era constituída pela reciprocidade entre trocas sexuais, de cuidados e de subsídios para a manutenção da vida.

Como as histórias das personagens deste artigo ilustram, em contextos enredados por relações transnacionais, as adjetivações dos namorados – ‘indiano’, ‘espanhol’ e ‘catalão’ – não podem ser desconsideradas. Os indicadores da nacionalidade são objetos de visibilidade dos agenciamentos e das hierarquias estabelecidas entre as relações que lhes permitiam ir ou não ao banheiro nos dias do *permiso*, ou até ficar ou não legalmente na Espanha. Nesse registro, o atributo catalão implicava, segundo as narrativas das interlocutoras dessa pesquisa, o fato de se ter uma casa, um emprego e residência em Barcelona. Qualidades bastante valorizadas entre as mulheres que cumpriam suas penas em *tercero grado* na penitenciária de Wad Raz e que, portanto, articulavam suas ações e vínculos segundo as possibilidades de melhores condições nos dias de *permiso*.

As relações de ajuda estabelecidas por Flor, Maria e Linda se davam por meio das redes de afetos e conhecimentos atravessados pela experiência prisional transnacional. Esta, se enredada por interseções entre classe, raça, gênero, nacionalidade (Kauffman 2014; Kruttschnitt, Hussemann 2008) também era produzida por territórios das cidades que não são mensuráveis geograficamente, mas constituídos pelas relações e mobilidades nos mercados ilegais/legais, dos quais era igualmente produtora (Ruggiero, South 1997). Nesse sentido, o café em que o velho catalão trabalhava, o restaurante em que o namorado indiano de Maria era garçom e o piso de prostituição gerenciado por Ana produziam um mapa da circulação das pessoas que entravam e saíam pelos portões das instituições prisionais catalãs.¹⁸

18 A circulação de que falo aqui difere-se do modo como Manuela Ivone da Cunha (2002) a conceitualiza. Para esta autora, circulação é diferente de mobilidade, pois enquanto esta se refere a certa abertura dos percursos, a circulação ocorre por meio de um ‘script’, um

Parte desse mapa era, para Linda, o garimpo para onde ela pretendia voltar. A partir desses territórios possíveis de fluxos, Linda agenciava sua ideia de 'amor', um amor diferente do que tivera por seu primeiro marido que a criou como 'um pai'. Um amor que não fosse produzido pela 'necessidade' ou pelo 'interesse'. Uma ideia de amor formulada a partir da negativa das relações de ajuda e do mercado sexual, enredado nos ilegalismos do comércio do ouro e das drogas. Ilegalismos atravessados por afetos, cuidados e trocas, tal como as histórias de Flor, Maria e Linda ilustram.

Bibliografia

- Aas, Katja Franko; Bosworth, Mary (2013). «Preface». Aas, Katja Franko; Bosworth, Mary (eds.), *The Borders of Punishment: Migration, Citizenship and Social Exclusion*. Oxford: Oxford University Press, vii-xii.
- Butler, Judith (2009). *Marcos de guerra. Las vidas lloradas*. Barcelona; Buenos Aires; México: Paidós.
- Constable, Nicole (1999). *Romance on a Global Stage. Pen-pals, Virtual Ethnography and 'mail-order' Marriages*. Berkeley: University of California Press.
- Cunha, Manuela Ivone da (2002). *Entre o Bairro e a Prisão: Tráfico e Trajectos*. Lisboa: Fim de Século.
- Das, Veena; Poole, Deborah (2008). «El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas». *Cuadernos de Antropología Social*, 27, 19-52.
- Díaz-Cotto, Juanita (2005). «Latinas and the War on Drugs in the United States, Latin America and Europe». Sudbury, Julia (eds.), *Global Lockdown: Race, Gender and the Prison-Industrial Complex*. New York; London: Routledge, 137-53.
- Fonseca, Claudia (1996). «A dupla carreira da mulher prostituta». *Revista Estudos Feministas*, 1, 7-33.
- Foucault, Michel (2001). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 24a ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, Michel (2008). *Segurança, território e população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Girona, Jordi Roca (2007). «Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales». *AIBR - Revista de Antropología Iberoamericana*, 2(3), 430-58.
- Hasselberg, Ines (2012). *An Ethnography of Deportation from Britain* [Doctoral Thesis]. Sussex: University of Sussex.

'itinerário' balizado previamente a partir da contínua 'circulação' entre as instituições prisionais e os 'bairros mais precarizados das grandes áreas metropolitanas'. No que tange à circulação pensada a partir de Ruggiero e South (1997) há, ao contrário, articulações e negociações agenciadas pelos sujeitos que estão, constantemente, em relações de troca.

- Imas, Elixabete; Martín-Palomo, Tereza (2007). «Las otras otras: extranjeras y gitanas en las cárceles españolas». Biglia, Barbara; San Martín, Conchi (eds.), *Estado de Wonderbra: Entretejiendo narraciones feministas sobre las violencias de género*. Barcelona: Virus Editorial, 217-27.
- Kempadoo, Kamala (2004). *Sexing the Caribbean. Gender, Race and Sexual Labour*. Abingdon: Routledge.
- Juliano, Dolores (2012). *Presunción de inocencia. Riesgo, delito y pecado en femenino*. Barcelona: Gakoa.
- Marcus, George (1995). «Ethnography In/of the World System: the Emergence of Multi-sited Ethnography». *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.
- McClintock, A. (1993), «Sex Work and Sex Workers: Introduction». *Social text*, 37, 1-10.
- Milivojevic, Sanja (2015). «Stopped in the Traffic, not Stopping the Traffic: Gender, Asylum and Anti-trafficking Interventions in Serbia». Pickering, Sharon; Ham, Julie, *The Routledge Handbook on Crime and International Migration*. London; New York: Routledge, 287-301.
- Padovani, Natália Corazza (2013). «Confounding Borders and Walls: Documents, letters and the governance of relationships in São Paulo and Barcelona prisons» [online]. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, 10(2). URL <http://www.vibrant.org.br/issues/v10n2/natalia-corazza-padovaniconfounding-borders-and-walls/> (2016-09-25).
- Pelúcio, Larissa (2011). «'Amores perros' - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo». Piscitelli, Adriana; Assis, Gláucia Oliveira de; Olivar, José Miguel (eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: UNICAMP/PAGU (Coleção Encontros), 185-224.
- Pickering, Sharon; Bosworth, Mary; Aas, Katja Franko (2015). «The Criminology of Mobility». Pickering, Sharon; Ham, Julie, *The Routledge Handbook on Crime and International Migration*. London; New York: Routledge, 382-95.
- Piscitelli, Adriana (2011). «Amor, apego e interesse: trocas sexuais, afetivas em cenários transnacionais». Piscitelli, Adriana; Assis, Gláucia Oliveira de; Olivar, José Miguel (eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: UNICAMP/PAGU (Coleção Encontros), 385-433.
- Piscitelli, Adriana (2013). *Trânsitos: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- Ruggiero, Vincenzo; South, Nigel (1997). «The late-modern city as a Bazaar». *British Journal of Sociology*, 48(1), 57-70.
- Sudbury, Julia (2005). «'Mules', 'Yards' and Other Folk Devils: Mapping Cross-Border Imprisonment in Britain». Sudbury, Julia (ed.), *Global*

Lockdown: Race, Gender and the Prison-Industrial Complex. New York; London: Routledge, 167-82.

Togni, Paula Christofolletti (2014). *A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal* [Tese de Doutorado]. Lisboa: ISCTE/OUL.

Wacquant, Loïc (2001). *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

